

Remilda Porfírio dos Santos

Professora, Mestre em Ciências da Educação, auxiliar administrativo educacional
Graduada em Letras/Português, IFAL/UAB, Cajueiro-AL
(remildaalegresempre@hotmail.com)

José Márcio Martins do Nascimento Júnior

Professor, Graduando em Letras/Português, IFAL/UAB, Cajueiro-AL
(martins.nascimento20@gmail.com)

Gizelle Maria dos Santos

Graduada em Letras/Português, IFAL/UAB, Cajueiro-AL
(gisele441@hotmail.com)

Josefa Helena Arruda Cabral

Professora, Graduada em Biologia, UNEAL, Cajueiro-AL
(josefahelenaarrudacabral@gmail.com)

Pamêlla Karolyne dos Santos Marques

Graduada em Pedagogia, ARAGUAIA, Cajueiro-AL
(pamella.ke@outlook.com)

RESUMO

A presente pesquisa aponta diferentes apontamentos na didática, no tocante da “análise linguística” (AL). Abordando que ao ensino de AL é primordial no ensino de língua Portuguesa (LP). Como atividade que voga a leitura, escrita e oralidade, e de possibilitar visão sobre fenômenos gramaticais, textuais e discursivas, além de capacitar o sujeito a compreender a utilização dos recursos linguísticos e o uso nos variados gêneros textuais. Com o objetivo geral investigar com a prática da AL é apontada na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) O trabalho tem como o suporte teórico seja abordado em ambiente educativo, com adoção dos gêneros discursivos, enquanto objeto no processo de ensino aprendizagem de LP. Para esse estudo relacionado a teoria-prática, filiamos uma pesquisa qualitativa, realizada com o instrumento revisão bibliográfica de cunho explorativo com base nos autores como. Os resultados a essa metodologia, as Diretrizes Curriculares orientam a AL, a qual tem como eixo a possibilidade que o sujeito compreenda as funções dos elementos gramaticais em contextos de esfera sociocomunicativos reais. Vale salientar, a importância em destacar que o texto deve ser compreendido como ferramenta que vogue o ensino das funções gramaticais. Nessa perspectiva, fica claro a necessidade do(a) educador(a) analisar as implementações, adequando-as e complementando-as em seu espaço educativo.

Palavras-chave: Língua Portuguesa; Análise Linguística; Gêneros Textuais; Base Nacional Comum Curricular.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa aponta diferentes apontamentos na didática, no tocante da “análise linguística” (AL). Abordando que ao ensino de AL é primordial no ensino de língua Portuguesa (LP). Como atividade que voga a leitura, escrita e oralidade, e de possibilitar visão sobre fenômenos gramaticais, textuais e discursivas, além de capacitar o sujeito a compreender a utilização dos recursos linguísticos e o uso nos variados gêneros textuais.

Pesquisas no campo linguístico cogita bastante discussões em torno do ensino de LP e acompanha como é desenvolvido o trabalho no que se refere ao ensino e a aprendizagem de elementos linguísticos (EL). Compreende-se que existe uma vaga preocupação com o ensino da GRAMÁTICA, especialmente nas aulas de LP, no qual os resultados no tocante da aprendizagem que efetivamente produza para que os discentes saibam linguísticos.

No entanto a gramática é vista com véis de linguagem, ou seja, instrumento de comunicação, que atribuem a língua um cunho homogêneo e inflexível, a qual subentende ao estudo dos EL por eixo de exercícios estruturais e mecânicos, objetivando assim uma internalização de convenções linguísticas com especificidade da norma padrão.

De fato, os objetivos e concepções, na área de linguagem com anos de estudos tomaram e sofreram modificação e as exigências que o ensino da língua materna (LM) era de grande valia para construção de leitores e escritores renomados fosse mais aguçado.

Desse modo, então, discute a validade do ensino da gramática, no qual fez emergir propostas da AL, com eixo de obter questionamentos para esses desafios decorrentes da deficiência das práticas de gramática no processo de ensino de LP no nosso país.

O arcabouço na pesquisa de Saussure (2012), Geraldi (1985; 1996), Antunes (2003) e Mendonça (2006a;2006b), criamos uma cogitação sobre o tema mencionado aqui no trabalho, bem como o estudo das disciplinas da grade curricular do curso em LETRAS/PORTUGUES do IFAL/UAB. Como a nova didática pedagógica em prol do ensino de LM (Língua Materna).

Assim sendo, a leitura e a produção de texto não são o eixo geral e primordial responsável no investigar os recursos expressivos da língua. Nesse véis considera como produção discursiva. De acordo com Mendonça (2006a), ela diz que “análise Linguística é mais do que uma mudança de métodos: trata-se de encarar a linguagem como uma forma de interação social que vai funcionar de acordo com certas condições e discursos, sendo assim a produção de sentido o objeto de estudo da prática de AL”.

Ancorado BNCC como contributo ao professor no trabalho com AL em sala de aula, documentos estes curriculares (locais e nacionais) propõem objetivos e procedimentos metodológicos para a prática desse eixo de ensino. No qual permeia a esfera de sistema de ensino brasileiro, agrupando as fases educação básica, que vão desde a educação infantil até o ensino médio.

Sob ótica metodologia, contamos com a pesquisa documental e bibliográfica na qual analisamos o referencial da BNCC para o ensino de LP. Com intuito de buscar mecanismo necessários tanto para compreendemos quanto para responder aos eixos e cogitações da pesquisa. Como justificativa da pesquisa, em parte recai sobre a dificuldade em trabalhar aspectos referente a língua. Assim, por via da pesquisa, busco aprimorar saberes e conhecimentos pertinentes aos EL para que possa usar os mesmos em futuras aulas de LP.

Ademais, se dá pelo reconhecimento da suma valia e o lugar a que pertence a prática AL, que aos longos dos anos contribuiu para a formação do sujeito escritores, reflexivos e leitores competentes de forma significativa para a sociedade globalizada e tecnológica.

Ressalto que o presente trabalho está dividido da seguinte forma: iniciamos com a consideração inicial, o qual contém apresentação, objetivo, justificativa e a síntese do

O ENSINO TRADICIONAL DA GRAMÁTICA

O ensino de LP atualmente, se faz presente a necessidade de entendermos que um do eixo central para essa prática está ligado a competência discursiva do discente, o que cria a capacidade de compreender, além de produzir diferentes gêneros textuais, no qual configuram situações variadas de interação sócio-comunicativa.

Desse modo o ensino de LP é constituído de desafios para os profissionais da área, que ao se deparar com percalços, muitas vezes, com conjunturas traça caminhos de procedimentos metodológicos que integram a determinado foco e, uma vez que, delimita para o ensino de regras gramaticais diversas, do modo que as abordagens não correspondem para ampliação das habilidades linguística do sujeito.

De acordo com Bezerra (2007), normalmente, o ensino da LP está em geral voltado para o ensino da gramática normativa que, geralmente abrange dois pontos centrais; prescritiva (quando se impõe um conjunto de regras); e a analítica (quando se identifica a parte que compõem um todo, com suas respectivas funções).

Ancorada na autora explana que o ensino LP era, no seu início, voltado para alfabetização da classe alta da sociedade burguesa, ou seja, para a elite; mas com foco geral na gramática, na retórica e na oratória, com a aquisição do “falar e escrever bem”. No apogeu da democratização da escola e os estudos linguísticos, surgiu um novo panorama no meio escolar, com outro público.

Sendo assim, o modelo de aprender língua ficou insuficiente para suprir as demandas, emergindo assim, a necessidade de um novo método para o ensino de LP. A decodificação do texto, de modo que se tenha acesso a leitura, passa a se fazer presente no ensino de LP com aporte prático, dando ênfase a textos que circulam nos meios de comunicação.

Nesse contexto nasce o desejo junto com a necessidade de criar os diversos letramentos atuais na sociedade hodiernas e a prática com os gêneros textuais que faz conexão socialmente nas práticas sócias dos sujeitos, no qual perpassa o modo literário que, por sua vez, foi exemplificado/ modelo de atuação da língua.

Diante dessa conjuntura, surgiu várias visões teóricas no espaço do ensino de LP, em especial as duas últimas décadas do século XXI, conforme destaca Bezerra (2007, p. 38):

[...] a teoria sócio-interacionista vygotskiana de aprendizagem, as de letramento e as de texto/discurso, que possibilitam considerar aspectos, cognitivos, sócio-político, enunciativo e linguístico envolvidos no processo de ensino/aprendizagem de uma língua.

CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DA ANÁLISE LINGUÍSTICA

Identificamos através concepções e práticas como recurso teórico-metodológico para subsidiar o ensino da gramática e outro ponto do estudo são as unidades linguísticas que contribuem para caracterizar os gêneros textuais.

Esses estão ligados às práticas socio-interacionais, sendo parte indispensável em nosso cotidiano. Tomando o que Marcuschi diz, citando Carolyn Miller (1984, apud Marcuschi, 2008, p. 149) “os gêneros são uma *“forma de ação social”* [...] são parte integrante da estrutura comunicativa de nossa sociedade. Sendo tão importante assim, o estudo deles é essencial para a AL.

A fala de Franchi (1991: 35) defende que há que se criarem as condições para o exercício do “saber linguístico” das crianças, dessa “gramática” que interiorizaram no

intercâmbio verbal com os adultos e seus colegas. Esses exercícios abrangem a parte socio-interacional da linguagem, que não se resume apenas na gramática.

Bagno (2001b, p. 157), complementa essa visão ao dizer que “a escola deve dar espaço ao máximo possível de manifestações linguísticas, concretizadas no maior número possível de gêneros textuais e de variedades de língua: rurais, urbanas, orais, escritas, formais, informais, cultas, não-cultas etc.

Mas a forma que essa AL é introduzida nas escolas é o ponto chave. Marcuschi (2008, p. 172-173) entende que os gêneros textuais têm uma questão intercultural, que transcende o sistema linguístico, ele abarca a historicidade do ser, a sua cultura e seus discursos, por isso Marcuschi defende que a abordagem escolar seja “culturalmente sensível”, não privilegiando apenas uma cultura, mas frisando todos os aspectos culturais envolvidos, principalmente num país tão extenso quanto o Brasil.

APORTE TEÓRICO DA BNCC E O EIXO DA AL

Dentro de muitos estudos realizados sobre AL, a BNCC aponta como aporte teórico tendo como destaque algum teórico como os Bezerra e Reinaldo (2013), Franchi ([1987] 2006), Geraldi ([1984] 1997) e Mendonça (2006) sobre a prática de AL no cenário escolar.

Figura 2 Documento "BNCC" – Capa



Fonte: imagem retirada da internet

O eixo de AL, foi elaborado no documento mencionado, diante de estudos investigativos, especialmente, nas linhas de continuidade que este eixo é abordado entre a segunda versão (Brasil, 2016) e a terceira versão homologada (Brasil 2017). No qual ele tem caráter qualitativo e documental, com ênfase interpretativa no eixo AL do componente de LP.

Outro ponto bastante relevante no eixo é que parte discursiva da BNCC aborda continuidade textual, ou seja, manifesta por elementos de reiteração e paráfrase, epistemologia, além de manifestar a manutenção de visão e conceitos e filiação documental, bem como a vinculação a documentos curriculares que o antecedem.

Desse modo, a BNCC está elaborada por área de conhecimento e em seguida por competências de área, componentes curriculares e suas competências específicas, que por sua vez assume “uma perspectiva enunciativo-discursiva da linguagem”. Veja o que salienta o texto da unidade de trabalho, conforme destacado a seguir.

Tal proposta assume a centralidade do texto como unidade de trabalho e a perspectiva enunciativo-discursivo na abordagem de forma a sempre relacionar os textos a seus contextos de produção e o desenvolvimento de

habilidade ao uso significativo da linguagem em atividade de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semioses (Brasil, 2017, p. 67).

Ancorado em estudos relacionados AL no cenário educativo brasileiro aliada as práticas de leitura e de produção de textos têm Geraldi como precursor do processo de “didatização” em seu livro “O texto na sala de aula”. Nessa perspectiva,

O uso da expressão “Análise Linguística”, não se deve ao mero gosto por novas terminologias. A análise linguística inclui tanto o trabalho sobre as questões tradicionais da gramática quanto questões amplas a propósito do texto, adequação do texto aos objetivos pretendidos, análise dos recursos expressivos utilizada os (metáforas, metonímias, paráfrases, citações, discursos direto e indireto, etc.); organização e inclusão de informações, etc. essencialmente, a prática de análise Linguística não poderia limitar-se a higienização do texto do aluno em seus aspectos gramaticais e ortográficos, limitando-se a “correção”. Trata-se de trabalhar com o aluno o seu texto para que ele atinja seus objetivos junto aos leitores a que se destina (Geraldi, [1984]1987, p. 74).

Embasada na visão sociointeracionista de linguagem e em práticas que integram a leitura, produção de texto e AL, em prol das competências e desenvolvimento de compreensão e criação textual do aluno, de acordo com o autor deixa com clareza que ‘o objetivo não é o aluno dominar a terminologia (embora possa usá-la), mas sim de compreender o fenômeno [linguístico] em estudo. (Geraldi, [1984]1987, p. 74).

AS HABILDADES DE AL NA BNCC

No Ciclo de Alfabetização, o ensino de **Língua Portuguesa** encontra-se geralmente organizado em torno de **quatro** grandes **eixos** de ensino: (i) leitura de textos; (ii) produção de textos; (iii) oralidade e (iv) conhecimentos linguísticos.

Desta forma, a **BNCC** defende uma concepção de língua favorável ao que se espera enquanto um ensino e aprendizagem significativos, que leve o aluno a fazer uso consciente das práticas de linguagem.

A BNCC traz quatro eixos específicos para o ensino de LP que são:

- Leitura/escuta;
- Produção (escrita e multissemióticos);
- Oralidade;
- Análise linguística/semiótica (reflexão sobre a língua, normas-padrão e sistema de escrita).

Dito isso, **são** estabelecidos quatro **eixos** organizadores correspondentes às **práticas de linguagem** já apresentadas em documentos oficiais anteriores como os PCNs: Oralidade, Leitura/escuta, Produção de textos e Análise linguística/semiótica.

ANÁLISE LINGUÍSTICA/SEMIÓTICA – desenvolver **análise** e avaliação, durante leitura e produção de textos (orais, escritos e multissemióticos), das formas de composição dos textos, sua situação de produção, e seus efeitos de sentido, para, entre outras coisas, mobilizar conhecimentos ortográficos, sintáticos, discursivos ... **Semiótica** é um termo que vem do grego: semeion que **significa** signo, e ótica que **significa** Ciência. A **semiótica**, então, é o estudo dos signos. A **análise linguística** se **diferencia**, em diversos aspectos, do **ensino** tradicional de **gramática**, conforme mostra (MENDONÇA, 2009, p, 207): ...

Fragmentação **entre** os eixos de **ensino**: as aulas de **gramática** não se relacionam necessariamente com as de leitura e de produção textual.

NOVAS CONCEPÇÕES

O educador da LP tem na sua disposição de ferramenta bastante interessantes, na quais podem contribuir de forma aguçada para o ensino de LP. Importante afirmar que: é de suma teor observar que não preciso fazer um espetáculo em suas aulas, não isso que estamos discutindo, mas que aconteça de forma no qual o aluno reconheça a linguagem como uma atividade da língua, não como um sistema fechado o acabado.

De fato, que o ensino está em constante construção que inove sua prática. Exemplifico atividades diversidades referente que é extrapolado no livro didático e a cartilha, que são importantes para o sujeito, em especial atualmente, onde a mudança repentina no método e forma de ensinar passou adequação ao sistema tecnológico.

ARCABUOÇO TEÓRICO

Para esse estudo relacionado a teoria-prática, filiamos uma pesquisa qualitativa, realizada por do instrumento da revisão bibliográfica de cunho explorativo com base nos autores como:

“Estas práticas, integradas no processo de ensino-aprendizagem, têm dois objetivos interligados: a) tentar ultrapassar, apesar dos limites da escola, a artificialidade que se institui na sala de aula quanto ao uso da linguagem; b) possibilitar, pelo uso não artificial da linguagem, o domínio efetivo da língua padrão em suas modalidades oral e escrita (Geraldi, 1984, p. 77).

Corroborando com Geraldi, parte de letramento escolar, constituindo numa reflexão explícita e sistemática sobre a construção e o funcionamento da linguagem nas dimensões sistêmica (ou gramatical), textual, discursiva e normativa, com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento de habilidades de leitura/escrita, de produção de textos orais e escritos e de análise e sistematização dos fenômenos linguísticos (Mendonça, 2006, p. 208).

Conforme Perfeito

A prática de análise Linguística deve ser levada em dois momentos: na mobilização dos recursos linguístico-expressivo, propiciando a coprodução de sentidos no processo de leitura; no momento de reescrita textual, local de análise da produção de sentidos, de aplicação de elementos referentes ao arranjo composicional as marcas linguísticas (do gênero) e enunciativas (do sujeito autor), de acordo com o gênero (s) selecionado (s) e com o contexto de produção, na elaboração do texto. E, desse modo, oportunizar a maior abordagem de aspectos formais e da coerência (progressão, retomada, relação de sentido e não contradição), sempre de acordo com a situação de comunicação, socialmente produzida (Perfeito, 2005, p. 60).

Ancorada na autora quando aborda questão de AL “se dá no sentido de se observar, em um texto”, ou seja, uma vez que o texto precisa de “arranjo textual e marcas linguístico-enunciativas” que condense as condições de criação/elaboração “(interlocução, suporte, possíveis finalidade, período de publicações circulação) no processo de construção de sentidos”.

Diante da cogitação acima mencionada, podemos concluir, com o conceito de AL, ao longo tempo, foi inovando e condensou-se. Percebemos que em 1980, AL estava ligada “a higienização do texto do aluno”, no qual era focado aspectos prescritos com o foco de os alunos atingirem a norma padrão. Nos anos 2000, Bezerra e Reinaldo (2012) a sua visão é: “na correção e rescrita do texto do aluno, na leitura e produção de textos, orientados por teorias de gênero, e nos próprios recursos da língua”.

OS NOVOS (MULTI) LETRAMENTOS

Figura 3 Representação dos novos Multiletramentos



Fonte: Imagem retirada da internet.

Nos dias hodiernos, o conceito de letramento não se baseasse a escrita, cogita ainda, outras formas de linguagem, com a diversas de expressões artísticas, computacional, matemática, musical, corporal, dentre outras (Cavalcante JR, 2003).

O novo método de ensino requer a necessidade de recursos de usos sociais da escrita surgiu então a percepção de que a linguagem se desenvolve na interação de seus usuários em contextos cotidiano e significativo para o sujeito, até porque a partir daí surgiu sua habilidade e competências individuais.

Sendo assim o termo letrar para Soares (2000, p. 36). 'O estado ou condição daquele que é literante, daquela que não só sabe ler e escreve, mas também faz uso competente e frequente da leitura e escrita". Nesse sentido, ancorado no pensamento da autora que o letramento significa mais do que apenas operar um sistema de linguagem e tecnologias.

Na verdade, o termo condensa a condição necessária para a interação nas práticas sociais humanas. Por outro lado, cabe dizer que é uma prática sociocultural e devido a isso as transformações no tempo e espaço, a expressão letramento e sua definição abarcar umas largas práticas sociais em que a escrita é mediadora da interação humana.

Vale salientar que a inovação social transporta para as concepções de letramento se modifica (ra) m as variadas transformações sociais pelas as quais a comunidade global passa (ra) m. dessa forma o termo se pluraliza e adquire outras formas de representação de sentidos.

Ressalto que, se faz necessário saber interagir através de várias modalidades e ferramentas diversas para estar em consonância, com as práticas sociais da era digital. Nese sentido o ensino de LP, em especial no ensino médio, necessita trabalhar a multimodalidade nas leituras dos gêneros discursivos 'letras de canções", "videoclipe" e "Web Quest"

Considerando a agente de letramento como "um promotor das capacidades e recursos de seus alunos e suas redes comunicativas para que participem das práticas sociais de letramento, as práticas de uso da escrita situadas, das diversas instituições" (Kleiman, 2006, p. 8).

A LÍNGUA PORTUGUESA NA SALA DE AULA

Entre todos os aspectos - fonética, morfologia, léxico e sintaxe forma a Língua portuguesa são indispensáveis para que o resultado de uma boa evolução orgânica da língua originária, que o latim, vulga trazidos por colonos romanos no século III A.C., bem como influências com menos relevância de outros idiomas.

A LINGUA PROTUGUESA (LP) é designada português ou é uma língua românica flexiva ocidental que tem origem no galego-português falado no reino da Galiza e no norte de Portugal.

O ensino de LP no nosso país, durante décadas, esteve alicerçado numa visão de língua que tomava com foco, em todas as suas estruturas, a maneira Linguística, ou seja, a atividade de leitura, escrita e estudo da língua eram direcionadas, em especial, aos estudantes que dominassem as regras gramaticais, levando em consideração o eixo central de estudos nas aulas de LP.

Com um novo olhar para a seleção de variedade da língua- este conceito como modelo padrão e explicitada nas gramáticas normativas, por sua vez era guiado basicamente pelo reconhecimento, classificação, memorização e o uso das formas consideradas corretas.

Na maneira que novas maneiras de expressar eram condensadas por não seguirem as regras padrão. No entanto, na década de 80 aproximadamente, surgiu o desenvolvimento de reflexões sobre a linguagem, permitindo assim uma inovação nas teorias até o presente existente relacionado ao ensino de LP.

A visão que a linguagem “não constitui a partir de regras gramaticais, mas sim de ações interativas que os sujeitos realizam usando a própria linguagem” (Franchi, 2002). Esse novo olhar de conceber os fenômenos linguísticos aguçou um gama de críticas a maneira como ensinar LP que vinha sido conduzido no país, acoplada de algumas alternativas para produção de uma prática pedagógica voltada para o desenvolvimento de competências comunicativas.

A AL que aqui defendemos se refere a um modelo teórico-metodológico de ensino dos conhecimentos linguísticos a partir de estudos sociointeracionista. Ou seja, que nos leva a considerar os propósitos comunicativos dos interlocutores no espaço/ambiente da interação, bem como na produção organizada de princípios e regras que categorizam tais recursos (Bezerra; Reinaldo, 2013).

Corroborando com a visão sociointeracionista de ensino de LP, podemos afirmar que AL se diferenciam do ensino gramatical em três eixos considerados primordiais:

1 - O ensino dos elementos gramaticais sistematizados, tais como nomenclatura e definições, importante e é levado em consideração, a ser articulado com outros aspectos presentes na constituição do texto, tais como recursos expressivos, organização das informações, adequação do texto aos propósitos comunicativos, estilo e estrutura composicional, coesão e coerência interna e outros:

2 - A prática de AL não propõe “uma análise da língua em si e por si”. O objetivo de estudar os elementos linguísticos não visa apenas o reconhecimento, classificação ou memorização de formas/ maneiras, até porque deve esta condensada com clareza ao foco comunicativo do sujeito e assim os textos estudados/ lidos e /ou criados se condensam a partir desse viés.

3 - Como os lócus de estudo no processo de ensino aprendizagem da língua, é o texto, bem como a prática da AL que deve sempre estar interligada às práticas de leitura e escrita e/ou produção de textos, uma vez que então, numa visão sociointeracionista da linguagem, quer seja observada/ analisada ou pesquisada a linguagem em sua utilização real/ diária e social, nos quais é manifestada em exercício de leitura/ escritas e criação de textos verbais e não verbais.

Ancorado nos autores estudados, o exercício de AL deve estar condensado não só para o componente de eixo linguístico, mas sem sombra de dúvida, para o componente extralinguístico, que seja responsável pela elaboração das variadas enunciados. Saliento ainda que, o exercício AL deve, em especial, reverberar em longo processo de ensino e aprendizagem de língua materna, particularmente língua portuguesa, no tocante que se refere a AL nas práticas de leitura e escritos dos mais variados tipos de gêneros textuais.

Mais uma vez de modo bastante responsável Franchi afirma que:

Interessa pouco descobrir a melhor definição de substantivo ou de sujeito do que quer que seja...[...], mas interessa, e muito, levar os alunos a operar sobre a linguagem, rever e transformar seus textos, perceber nesse trabalho a riqueza das formas linguísticas disponíveis para suas mais diversas opções. Sobretudo quando, no texto escrito, ele necessita tornar muitas vezes consciências os procedimentos expressivos de que se serve. Com isso, parece-me, reintroduzir-se na gramática o seu aspecto criativo: o que permite ao falante compreender, em um primeiro passo, os processos diferenciados de construção das expressões para, depois, um dia e se for o caso, construir um sistema nocional que lhe permita descrever esses processos, falar deles, em uma teoria gramatical (Franchi, 1991, p. 20).

Cabe dizer que as expressões de Franchi corroboram a questão do ensino de gramática, uma vez que mencionado acima, é de cunho metodológico e requer um reordenamento de prioridades. Até porque a maneira linguística, embora seja de suma importância, não deve estar em destaque nas espaços e ambientes de práticas de AL.

Nesse sentido, por sua vez, o foco na clareza de sentido, das formas variadas de criar o mesmo texto/discurso ou até mesmo explorar a sua funcionalidade, dos elementos em função dos propósitos comunicativos. Uma vez que se busca um ensino de LP voltado para as proposições tratadas acima, que aborde como eixo primordial o desdobramento a visão de uma didática de AL que envolva de maneira produtiva e criativa.

PRODUÇÃO E A REESCRITA TEXTUAL E PRÁTICA EM SALA DE AULA

Sabemos que é primordial a reescrita no sentido literal, pois ela aprimora a produção textual do sujeito, e até porque é umas estratégias de ensino-aprendizagem. Uma vez que o exercício de reescrita é de suma importância para o início do desenvolvimento do ensino da produção textual, porém faz parte de texto bastante conhecidos pelos os alunos.

Figura 4 Práticas de leitura e escrita segundo a AL



Fonte: Imagem retirada da Internet.

Dialogando com Marcuschi, (2008, p. 73) quando considera que a Linguística textual “pode ser definida como estudo das operações linguísticas, discursivas e cognitivas, reguladoras e controladoras da produção, construção e processamento de textos escritos ou orais em contextos naturais de uso”.

O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E A VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA

Para Wikipédia,

variação linguística é o movimento comum e natural de uma língua, que varia principalmente por fatores históricos e culturais. Modo pelo qual ela se usa, sistemática e coerentemente, de acordo com o contexto histórico, geográfico e sociocultural no qual os falantes dessa língua se manifestam verbalmente.

No entanto a **variação linguística** é um fenômeno que acontece com a língua e pode ser compreendida por intermédio das **variações** históricas e regionais. Em um mesmo país, região ou localidade, com um único idioma oficial, a língua pode sofrer diversas alterações feitas por seus falantes.

Figura 5 Variação Linguística (indagação)



Fonte: Imagem retirada da internet.

Ressalto os **tipos e exemplos de variações linguísticas**:

Variação geográfica ou diatópica. Está relacionada com o local em que é desenvolvida, tal como **as variações** entre o português do Brasil e de Portugal, chamadas de regionalismo. ...

Variação histórica ou diacrônica. ...

Variação social ou diastrática.

Figura 6 Marcas de Variação Linguística



Fonte: Imagem retirada da internet.

No **nosso país**, por exemplo, essas **variantes** são percebidas nos diversos dialetos existentes como o mineiro, carioca, gaúcho, baiano, pernambucano, sulista, paulistano etc. vale salientar que existe comunidade que possui signos/ expressão específica da comunidade, ou grupos. O sistema de línguas é formado por um conjunto de **variantes** que podem ser socioculturais, estilísticos, regionais, etários e ocupacionais.

METODOLOGIA

A presente pesquisa é do tipo descritivo, de caráter interpretativo e o classificasse como de natureza qualitativa. Ela é considerada qualitativa, uma vez que privilegia a interpretação dos dados, bem como, em espaço da mensuração, de acordo com Strauss e Anselm (2008, p. 23): “com termo ‘pesquisa qualitativa’ queremos afirmar que qualquer tipo de pesquisa que produza resultados não alcançados através de procedimentos estatísticos do de outros meios de quantificação”.

Sendo assim, seguimos o paradigma interpretativista, para alcançar nossos objetivos, realizamos uma entrevista online no grupo do WhatsApp dos participantes da pesquisa sobre AL. Cabe salientar que não houve intervenção dos pesquisadores no processo, haja em vista que se trata de uma pesquisa descritivo-interpretativa. Com relação aos sujeitos da pesquisa foram acadêmicos do curso de LETRAS do IFAL, acadêmica do curso de PEDAGOGIA da faculdade ARAGUAIA e docente com larga experiência na rede municipal licenciada pela Universidade Estadual de Alagoas UNEAL.

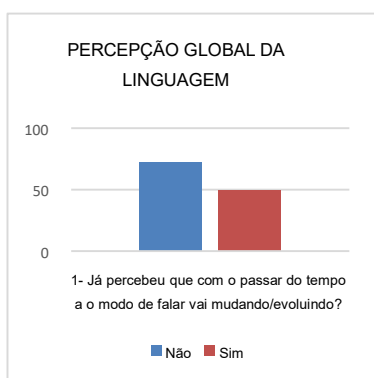
No que se refere a coleta de dados, essa se deu através de uma entrevista online no grupo WhatsApp do componente curricular prática de ensino de LP. Os dados foram coletados através de perguntas abertas com o corpus da pesquisa, gravação em áudio e transmissão do planejamento e execução e avaliação das aulas online e anotações de campos durante as pesquisas online.

REFLEXÃO DOS RESULTADOS.

Os resultados a essa metodologia, as Diretrizes Curriculares orientam a AL, a qual tem como eixo a possibilidade que o sujeito compreenda as funções dos elementos gramaticais em contextos de esfera sociocomunicativos reais. Observa-se as impressões dos alunos, diante da entrevista online com 6 perguntas sobre a AL.

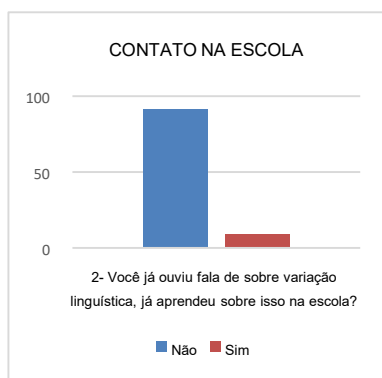
As perguntas que constam nessa entrevista são: 1- Já percebeu que com o passar do tempo a o modo de falar vai mudando/evoluindo? 2- Você já ouviu fala de sobre variação linguística, já aprendeu sobre isso na escola? 3- Consegue perceber que em diferentes regiões do Brasil o dialeto (gírias/sotaque) mudam? 4- Você já percebeu na sua família expressões, palavras ou “gírias” diferentes da que você usa, mas que significam a mesma coisa? 5- Com quem você aprendeu as “gírias” e expressões que você usa no dia a dia? O total dos 30 participantes responderam da seguinte forma.

Gráfico 1 Percepção global dos indivíduos sobre a análise linguística



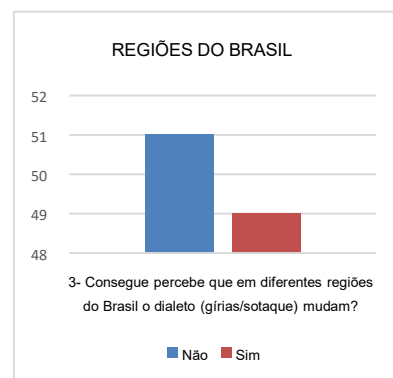
Fonte: produzido pelos autores

Gráfico 2 Contato com a análise linguística na escola



Fonte: produzido pelos autores

Gráfico 3 percepções da variação linguística no Brasil

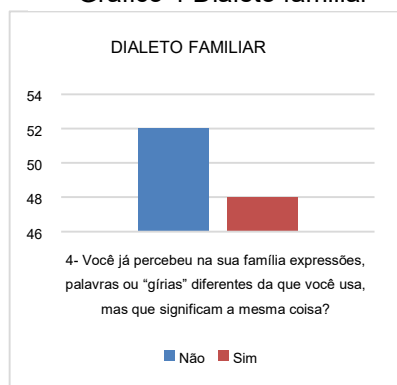


Fonte: produzido pelos autores

Observando os gráficos acima, é de fácil compreensão que a noção de variação linguística está relativamente longe da percepção dos participantes da pesquisa. Muito se dá pela falta de conhecimento a cerca desse assunto. Como supracitado no gráfico 2 “Contato com a análise linguística na escola”, apenas 9% dos participantes afirmam ter tido contato com a temática na escola. Indício de que as metodologias usadas não abrangiam esse tema, mas focalizavam em partes do material didático e outras estratégias que não privilegiavam a AL.

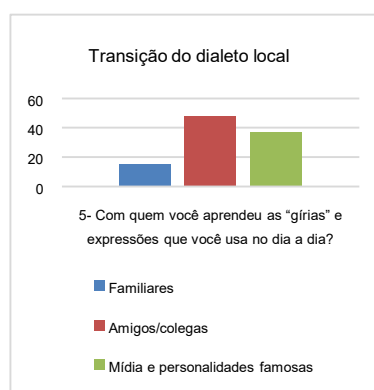
Outro fator representado no gráfico, que demonstra a falta de intimidade em reconhecer os outros dialetos do país, é o favorecimento da mídia a apenas uma variação. O dialeto carioca, originário do Rio de Janeiro, é mais disseminado pela mídia do que os outros dialetos, já que aquele é visto como o dialeto que a elite usa. Disseminando, mesmo que indiretamente, a ideia de que o “falar carioca” é naturalmente certo e, portanto, quem não o tem, precisa moldar sua fala a ele.

Gráfico 4 Dialeto familiar



Fonte: produzido pelos autores

Gráfico 5 Contato com dialeto



Fonte: produzido pelos autores

Inexoravelmente, a aprendizagem do dialeto local é absorvida pelos indivíduos por meio de familiares, amigos e até mesmo algumas mídias, que hoje em dia têm disseminado cada vez mais a cultura do outro. Dessa forma, não só os costumes de outras localidades brasileiras são transmitidos, como as variantes, dialetos e maneirismos socioculturais, estilísticos, regionais, etários e ocupacionais e de gênero. Logo percebe-se que o contato com as variações do território brasileiro está sendo realizado, e a comunidade, as redes sociais e mídias de vários tipos tem uma grande contribuição com isso, mas que os indivíduos não têm a consciência explícita sobre esse fenômeno.

(ALGUNS) APONTAMENTOS FINAIS

Diante do objeto investigado e análise de dados, demonstra que na questão textual a BNCC, as visões de continuidade entre a segunda e terceira versão do documento trata de elementos de reiteração e paráfrase. E nos revela que o significativo maior é a epistemologia. Mesma tendo em vista com tal estudos diplomados na área, e conceitos defendido pela sociedade científica.

Vale salientar, a importância em destacar que o texto deve ser compreendido como ferramenta que vogue o ensino das funções gramaticais. Nessa perspectiva, fica claro a necessidade do (a) educador (a) analisar as implementações, adequando-as e complementando-as em seu espaço educativo.

Logo, A inserção do tema no cotidiano escolar, permite que os indivíduos se apoderem da LM, permitindo-os ter controle total do uso na fala e escrita em níveis mais complexos. Projetando suas impressões do mundo, com o controle ativo de seu instrumento de interação social, abrindo espaço para uma atuação mais autônoma, ponderada e resoluta na comunidade que pertence.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. *Dramática da língua portuguesa: tradição gramatical, mídia e exclusão social*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

BEZERRA, Maria Auxiliadora, REINALDO, Maria Augusta. **Análise Linguística, afinal, a que se refere?** São Paulo: Cortez, 2013.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. *Base Nacional Comum Curricular. Educação é a base* (2ª versão) Brasília. MEC, 2016. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/historico> acesso em 23 de nov. De 2019.

-----, *Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base*. Brasília. Mec. 2017.

FRANCHI, Carlos, NEGRAO, Esmeralda, Vailati, MULLER, Ana Lúcia. **Mas o que é mesmo “gramática”?** São Paulo: Parábola Editora, [1987]2006.

-----, **Criatividade e gramática**. 1. Ed. 3ª reimp. São Paulo: Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, 1991.

GERALDI, José Wanderley. **O texto em sala de aula**. São Paulo. Editora Ática, [1984]1997.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. Parábola, São Paulo, 2008.

MENDONÇA, Márcia. **Análise Linguística no ensino médio**: um novo olhar, um outro objeto. In: MENDONÇA, Márcia; BUNZEN, Clécio. *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 199-226.

MASCUSCHI, Luiz Antônio, (2008) **Produção textual, análise de Gêneros e Compreensão**. São Paulo. Parábola Editorial.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

Disponível em: www.educamaisbrasil.com.br/variacao-linguistica. Acessado em 19/02/2021 as 11h e 04min. Disponível em: [view](#). Acessado em 08/04/2021 as 8h e 28min.